



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**IDADES DOS AFETOS: CRENÇAS SOBRE A
RELAÇÃO INTERGERACIONAL**

MÁRCIA FILIPA NUNES SEGURO

Orientadora de Dissertação:

DOUTORA ISABEL LEAL

Professora de Seminário de Dissertação:

DOUTORA ISABEL LEAL

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa, para mim, o término de uma longa caminhada. Agora, transpondo a meta, importa fazer um balanço de todo o vivido e seguir em diante para novas metas, novos desafios e novos sonhos.

Em primeiro lugar e remetendo ao ponto de partida. Obrigada mãe, por teres dado o primeiro passo e ensinares-me como caminhar. Obrigada pai, por me ajudares a trilhar este caminho e pelas sábias palavras. Obrigada a ambos, pelo esforço e apoio incessantes e pelo amor e carinho incondicionais. Obrigada pela dedicação, paciência e, sobretudo, por tudo o que me proporcionaram e possibilitaram.

Em segundo lugar e remetendo a este percurso, deixo outros agradecimentos.

Ao Pedro, pelo qual sempre me esforcei para mostrar que a dedicação e o sacrifício são necessários e recompensados. Agradeço a partilha, amizade, amor, carinho e paciência.

Ao João, ao lado de quem sempre caminhei. Agradeço a amizade, amor, carinho, paciência, incentivo e respeito.

Às minhas colegas e amigas, com as quais partilhei objetivos e experiências. Agradeço pela amizade, companheirismo, carinho e apoio.

À doutora Isabel Leal, com a qual aprendi e refleti na reta final, fomentando a ambição de novos conhecimentos e desafios. Agradeço a orientação, disponibilidade, partilha e, sobretudo, o crescente respeito e estima.

À professora Ana Marôco e Filipa Pimenta. Agradeço a disponibilidade e partilha.

Aos diretores das instituições envolvidas neste estudo. Agradeço o interesse e colaboração prestados.

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo construir e validar uma escala de crenças sobre a relação intergeracional entre avós e netos e, posteriormente, descrever as crenças dos netos, em idade infantil.

A amostra, não probabilística ou intencional, é composta por 281 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos e capacidade de ler e compreender a língua portuguesa. Os instrumentos constaram de um questionário sociodemográfico de caracterização da amostra e das relações intergeracionais e uma escala de crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos. O delineamento é do tipo observacional-descritivo transversal.

Os instrumentos foram construídos com base na literatura e em três entrevistas semiestruturadas em profundidade. As entrevistas foram sujeitas a análise de conteúdo, de onde decorreram os itens da escala. Foi realizado um pré teste com três crianças para verificar a compreensão dos itens e ajustar a escala.

A amostra foi recolhida e procedeu-se à validação psicométrica da escala. A Análise Fatorial Exploratória permitiu validar e destacar 4 fatores que remetem para os papéis inerentes às relações convencionais (emocional, instrumental, social e simbólico) e não convencionais.

Foram realizadas análises descritivas e testes estatísticos no sentido de caracterizar a amostra e as relações intergeracionais entre avós e netos. As análises permitiram enfatizar a predominância de uma relação convencional com papéis tipicamente emocionais, sociais e simbólicos e instrumentais. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros em função do papel não convencional. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas conforme a existência de irmãos.

Palavras-chave: crenças, crianças, relação, avós, netos

ABSTRACT

The main objective of this study is to construct and validate a belief scale about the intergenerational relationship between grandparents and grandchildren and, later on, to describe the beliefs of the grandchildren, at a young age.

The sample, not probabilistic or intentional, is composed of 281 children aged between 7 and 12 years old and the ability to read and understand the Portuguese language. The instruments consisted of a sociodemographic questionnaire characterizing sample and intergenerational relations and a belief scale on intergenerational relations between grandparents and grandchildren. The design is of the cross-sectional observational-descriptive type.

The instruments were constructed based on the literature and three semi-structured interviews in depth. The interviews were subject to content analysis, from which the scale items were carried out. A pre-test with three children was performed to verify the comprehension of the items and to adjust the scale.

The sample was collected and the psychometric validation of the scale was performed. Exploratory Factor Analysis allowed us to validate and highlight 4 factors that refer to the roles inherent to conventional (emotional, instrumental, social and symbolic) and non-conventional relationships.

Descriptive analyzes and statistical tests were conducted to characterize the sample and intergenerational relationships between grandparents and grandchildren. The analyzes allowed to emphasize the predominance of a conventional relationship with typically emotional, social and symbolic and instrumental roles. Statistically significant differences were found between genders as a function of unconventional role. No statistically significant differences were found according to the existence of siblings.

Key words: beliefs, child, relationship, grandparents, grandchildren

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
REVISÃO DE LITERATURA	2
Crenças.....	2
Relação intergeracional entre avós e netos	3
Relação ao longo do desenvolvimento	4
Relação convencional na infância.....	5
Avós	7
Relação não convencional na infância	9
Objetivos de estudo.....	11
MÉTODO	12
Participantes.....	12
Material.....	14
Delineamento	14
Procedimento	15
RESULTADOS	17
Validação psicométrica da escala	17
<i>Sensibilidade</i>	17
<i>Validade de constructo</i>	19
<i>Fiabilidade</i>	22
Análise descritiva.....	22
DISCUSSÃO	26
Discussão dos resultados	26
Limitações.....	29
Estudos futuros	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	i
Anexo I Guião para entrevista semiestruturada em profundidade.....	ii
Anexo II Consentimento Informado	iii
Anexo III Questionário sociodemográfico de caracterização da amostra e das relações intergeracionais entre avós e netos	v
Anexo IV Escala de crenças sobre a relação intergeracional	vii
Anexo V Escala de crenças sobre a relação intergeracional validada	ix

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Estatística descritiva das características das relações intergeracionais	13
Tabela 2 Estatística descritiva da escala.....	18
Tabela 3 Modelo de Análise Fatorial Exploratória. (A negrito apresentam-se os itens com pesos fatoriais superiores a 0.4 em valor absoluto)	21
Tabela 4 Estatística descritiva da escala validada, organizada pelos 4 fatores	23
Tabela 5 Estatística descritiva e testes estatísticos das crenças conforme a variável gênero (A negrito apresentam-se os valores que sugerem diferenças estatisticamente significativas)	24
Tabela 6 Estatística descritiva e testes estatísticos das crenças conforme a variável existência de irmãos	25

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional constitui um dos principais desafios do século XXI e, concomitantemente, uma das principais preocupações dos serviços sociais e de saúde (Ferreira, 2011). Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2016), mantém-se esta tendência em Portugal, resultante da diminuição da taxa de natalidade e aumento da esperança média de vida (Barranti, 1985; Bengtson, 2001; Bernal & Anuncibay, 2008; Ferreira, 2011; Geurts, Tilburg & Poortman, 2012; Gomes-Pedro, 2006; Hagestad, 1988; Harper, 2006; Hodgson, 1992; Kemp, 2007; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005).

Este acontecimento demográfico prevê questões a vários níveis (Kemp, 2007). A nível social, o envelhecimento populacional resulta na coexistência de diferentes gerações, cujas relações são condicionadas pelo contexto, história e cultura (Sousa, 2006). A nível familiar, verifica-se uma mudança estrutural com o aumento das relações verticais, em detrimento das relações horizontais, ou seja, as famílias tendem a ser simultaneamente multigeracionais (coexistência até cinco gerações) e pouco numerosas (Barranti, 1985; Bernal & Anuncibay, 2008; Block, 2000; Geurts, Tilburg & Poortman, 2012; Hagestad, 1988; Hodgson, 1992; Mills, 2001; Sousa, 2006). A nível individual, a maior longevidade aumenta a duração e importância de determinados papéis e possibilita a prática de outros (Albrecht, 1954; Barranti, 1985; Bernal & Anuncibay, 2008; Boon, Shaw & MacKinnon, 2008; Harper, 2006; Harwood & Lin, 2000; Kemp, 2007; Kivnick, 1982; Lakó, 2014; Moorman & Stokes, 2014; Rigby, Gair & Thorpe, 2015; Silverstein & Long, 1998; Silverstein & Marengo, 2001; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005)

A par disto, acrescem outras mudanças sociais, culturais e familiares tais como a emancipação do género feminino e crescente igualdade de géneros, aumento da taxa de separações e divórcios e emergência de novas configurações familiares (Bernal & Anuncibay, 2008; Bengtson, 2001; Crosnoe & Elder, 2002; Gomes-Pedro, 2006; Lakó, 2014; Kemp, 2007; Kennedy, 1990; Peixoto & Gonçalves, 2014; Strecht, 2016), numa sociedade moderna com valores egocêntricos, exigentes e ativos (Beltrán & Gómez, 2013; Strecht, 2016).

Assim, a população envelhecida tende a desempenhar um papel de relevo na estrutura familiar (Bengtson, 2001; Bernal & Anuncibay, 2008; Harwood, 2004; Kivett, 1991; Lakó, 2014; Thiele & Whelan, 2006), onde a rede de suporte socio-emocional tende a ser frágil (Bengtson, 2001; Gomes-Pedro, 2006) e impactante no desenvolvimento cognitivo, moral e socio afetivo das crianças (Bengtson, 2001; Harper, 2006; Silverstein & Marengo, 2001). Enquanto avós e agentes de socialização e suporte (Bengtson, 2001; Gomes-Pedro, 2006; Kahana & Kahana, 1971; Robertson, 1977; Tinsley & Parke, 1987; Wood & Lioussis, 2007)

dão sentido às dificuldades das crianças (Lakó, 2014) e promovem a sua estabilização em período de crise (Albrecht, 1954; Timberlake, 1981; Wood & Liossis, 2007).

Em suma, as relações intergeracionais entre avós e netos correspondem a uma área de crescente interesse (Kivett, 1991; Robertson, 1977; Thomas, 1989), com parca substância científica em termos educacionais e clínicos. A atenção científica tem recaído sobre a dinâmica do ciclo da vida e, neste seguimento, os idosos são comparados às crianças pela importância, dependência e necessidade de cuidados e afetos. Resta compreender esta relação de efeitos e afetos recíprocos, em função de cada fase e cada destino. Assim, o presente estudo atende a questão geral de investigação: Quais as crenças das crianças sobre as relações intergeracionais com os avós?

REVISÃO DE LITERATURA

Crenças

O conceito de crença remete para a adesão a uma proposição cuja verdade nem sempre pode ser demonstrada e varia consoante o grau: no grau inferior situa-se a opinião (crença que atribui um carácter provável e duvidoso ao conhecimento), no grau superior situa-se o saber (crença assertiva e fundada em conhecimentos socialmente reconhecidos e, por vezes, demonstráveis) e no grau intermédio situa-se a crença propriamente dita ou adesão (exclui a dúvida mas não assenta sobre conhecimentos científicos) (Bronckart & Prévost, 2001). De forma geral, a crença consiste numa modalidade de relação com a realidade que não apresenta uma tematização explícita ou uma capacidade de racionalização coerente com um referente cultural definido (Prandi, 1997).

Segundo Ajzen & Fishbein (1980) crenças são estruturas cognitivas básicas que, à semelhança do afeto (sentimento da pessoa em relação ao objeto, pessoa ou evento), intenção (probabilidade subjetiva da pessoa desempenhar certo comportamento) e comportamento (fato observável), constituem a atitude (predisposição aprendida para responder de forma consistente e favorável ou desfavorável face a um objeto). Neste sentido, a crença remete para a informação que a pessoa dispõe em relação ao objeto da atitude, ou seja, a associação de um objeto (uma pessoa, um grupo, uma instituição, um comportamento ou um evento) a um atributo (outro objeto, um traço, uma propriedade, uma qualidade, uma característica, um resultado ou um evento). A atitude é determinada pelas crenças salientes (crenças mais comuns e intensas) sobre o objeto e, concomitantemente, pode modificar ou criar novas crenças sobre o objeto. Em suma, para formar ou modificar atitudes, as intervenções passam

necessariamente pela aquisição de novas informações sobre o objeto, ou seja, pela reconfiguração de crenças.

A crença pode ser medida através de um procedimento que coloque uma pessoa à consideração de uma dimensão de probabilidade subjetiva, a qual envolva um objeto e um atributo (Ajzen & Fishbein, 1980). Neste sentido e indo de encontro ao objetivo do presente estudo, a investigação tem verificado que as crenças sobre a relação entre avós e netos afeta a disposição para manter a relação diádica (Mansson, 2013) e a probabilidade de proximidade (Matthews & Sprey, 1985).

Relação intergeracional entre avós e netos

O conceito de intergeracionalidade remete para as relações de consenso, cooperação ou conflito entre indivíduos de diferentes gerações, idades e contextos (Beltrán & Gomez, 2013; Caldeira, 2010; Nunes, 2009). Estas relações promovem a mudança de mentalidades no sentido da cidadania, inclusão, solidariedade social e bem-estar dos indivíduos (Martins, 2013), por eliminação de barreiras discriminatórias relativas à idade (Beltrán & Gómez, 2013).

A relação intergeracional entre avós e netos ocorre entre a primeira e terceira geração (Albrecht, 1954; Harwood & Lin, 2000) e constitui um vínculo íntimo e afetivo importante para a formação, desenvolvimento e bem-estar mútuo (Brussoni & Boon, 1998; Drew & Silverstein, 2007; Harwood & Lin, 2000; Mansson, 2013). Esta pode ser conceptualizada com base no cruzamento de três eixos temporais (social, familiar e individual) que consideram três gerações (avós, pais e netos) (Sousa, 2006).

O tempo social remete para grupos que nasceram e viveram em períodos diferentes com características distintas. Neste sentido, os avós garantem uma janela privilegiada para o passado da comunidade e da família através do relato vivido e personificado dos factos; enquanto os netos propiciam a atribuição de novos significados às experiências narradas, tornando-as mais positivas e suportáveis para os avós. A crença de que os avós vivem no passado e são retrógrados e a discordância face a atividades a partilhar, são obstáculos à relação (Sousa, 2006).

O tempo familiar remete para a passagem pelas várias fases do ciclo de vida familiar. As famílias estão constantemente em evolução e transformação, num processo de mudança, desenvolvimento e continuidade. As fases deste processo são definidas a partir dos momentos de crise de acesso ou desmembramento, em que sujeitos entram ou saem do sistema, destacando-se: sair de casa, junção de famílias pelo casamento, famílias com crianças,

famílias com adolescentes, filhos que saem de casa, famílias no fim de vida (Sousa, 2006). Os avós ajudam os filhos e netos na evolução das suas famílias como fonte de recursos instrumentais, financeiros e afetivos; enquanto os netos assimilam os valores, princípios, comportamentos e atitudes transmitidos. Diferentes preocupações e objetivos, inerentes à própria fase de vida, são obstáculos à relação (Sousa, 2006).

O tempo individual remete para aspetos do desenvolvimento do indivíduo (e.g. idade e características afetivas, cognitivas, sociais e motoras) e relação com os sistemas escolar, profissional e comunitário; refletindo-se nas necessidades e prioridades do sujeito (Sousa, 2006). Os avós apresentam maturidade e limitações físicas, enquanto os netos apresentam menor maturidade e maior competência física. Quando a relação entre avós e netos é envolta em carinho, compreensão e aprendizagem mútua, permite que ambos desenvolvam atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento. Diferentes motivações e interesses são obstáculos à relação (Sousa, 2006).

Relação ao longo do desenvolvimento

Alguns autores consideram que a relação entre avós e netos tende a fortalecer ao longo do desenvolvimento maturativo dos netos, por motivo de continuidade e crescimento dos laços. No entanto, a maioria admite que a relação tende a enfraquecer devido a diferentes eventos e particularidades da fase de desenvolvimento que expressam mudanças nas dinâmicas em termos de qualidade, importância, intensidade, proximidade e contacto (Bangerter & Waldron, 2014; Block, 2000; Creasey & Kaliher, 1994; Creasey & Koblewski, 1991; Field & Minkler, 1988; Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009; Hakoyama & Malonebeach, 2013; Monserud, 2010; Monserud, 2011; Silverstein & Long, 1998; Silverstein & Marengo, 2001; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005).

Assim, o início do enfraquecimento coincide com o início da adolescência, por duas razões. Em primeiro lugar, a iniciativa para manter a relação muda de pais e avós para os netos (Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009). Os netos adquirem uma maior independência e autonomia (Brussoni & Boon, 1998; Monserud, 2010) e, portanto, o contacto com os avós depende do seu desejo e da sua atitude ativa (Brussoni & Boon, 1998; Kruk, 1995; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005). Em segundo lugar, as oportunidades e prioridades alteram-se (Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009), tornando-se mais gratificantes as relações com os pares do que as relações intergeracionais e familiares (Block, 2000; Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009; Monserud, 2010).

O início da adultícia é marcado pelo aumento de responsabilidades e novas prioridades que afetam novamente a força dos relacionamentos entre avós e netos (Brussoni & Boon, 1998; Crosnoe & Elder, 2002; Monserud, 2010; Monserud, 2011). Os netos mais velhos tendem a passar menos tempo com os avós (Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009; Silverstein & Marengo, 2001), ainda que os considerem um membro importante da sua rede social (Creasey & Koblewski, 1991; Hartshorne & Manaster, 1982) e mantenham uma relação de amizade próxima (Hartshorne & Manaster, 1982), onde são discutidas preocupações pessoais (Silverstein & Marengo, 2001).

Em suma, a história da relação com os avós tem um papel determinante ao longo do desenvolvimento dos netos (Monserud, 2010), sendo que quando são estabelecidos laços fortes e saudáveis na infância, existe uma maior probabilidade de proximidade emocional (Creasey & Kalihier, 1994; Hodgson, 1992) e influência (Brussoni & Boon, 1998) na vida dos netos em crescimento.

Relação convencional na infância

Na infância é estabelecido um modelo de relação intergeracional com os avós, fortemente mediado pelos pais, principalmente pela mãe (Block, 2000; Brown, 2003; Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009; Hodgson, 1992; Matthews & Sprey, 1985; Robertson, 1975; Silverstein & Marengo, 2001).

Este modelo, reflete um tipo de proximidade entre avós e netos, que tende a persistir (Boon, Shaw & MacKinnon, 2008; Brown, 2003; Hakoyama & Malonebeach, 2013; Hodgson, 1992; Matthews & Sprey, 1985; Wood & Liopsis, 2007) por questões de laços e reciprocidade (Geurts, Tilburg & Poortman, 2012). Neste sentido, é notória a emergência de uma relação de cuidados recíprocos, voluntários e satisfatórios, em que os avós cuidam ou ajudam a cuidar dos netos, e posteriormente, são cuidados pelos mesmos (Block, 2000; Sousa, 2006).

Os avós tendem a ter uma presença física e afetiva (Creasey & Koblewski, 1991; Holladay & Seipke, 2007; Silverstein & Marengo, 2001) e uma influência ativa e moduladora no desenvolvimento e educação dos netos (Silverstein & Marengo, 2001; Smorti, Tschiesner & Farneti, 2012; Strecht, 2016; Tinsley & Parke, 1987), que ocorre de duas formas. De forma indireta, enquanto pais, antes constituíram um modelo influente das atitudes e comportamentos educativos dos seus filhos e agora constituem um recurso de apoio social (Creasey & Koblewski, 1991; Tinsley & Parke, 1987), cuidando dos netos enquanto os filhos trabalham (Breheny, Stephens & Spilsbury, 2013; Jendrek, 1994; Lakó, 2014; Neugarten &

Weinstein, 1964) e reduzindo a necessidade destes recorrem a creches, programas após escola ou outros serviços (Dolbin-MacNab & Keiley, 2009; Jendrek, 1994). De forma direta, enquanto avós e parceiros interativos, prestam funções educativas (Kivnick, 1982) e estimulam os netos em termos cognitivos e afetivos (Creasey & Koblewski, 1991; Tinsley & Parke, 1987).

O triângulo relacional composto por avós, pais e netos pode gerar confusões no que respeita à definição de tarefas e funções, dado que os avós encontram-se perante duas normas contraditórias e complexas. Por um lado não devem interferir na relação e educação que os filhos dão aos netos e, por outro, devem ajudá-los (Sousa, 2006). Neste sentido e perante a falta de especificidade de papéis, os adultos devem acordar domínios sensíveis e limitados à ação dos avós, promovendo uma participação discreta (Biscaia, 2006) e benéfica para todos os intervenientes (Bangerter & Waldron, 2014), nomeadamente para avós e netos.

O processo de influência diz-se bidirecional (Block, 2000; Kahana & Kahana, 1971), ou seja, de carácter generoso, tolerante, construtivo e gratificante para ambos (Bernal & Anuncibay, 2008; Kivnick, 1982; Smorti, Tschiesner & Farneti, 2012), dada a sua natureza desprovida de responsabilidades, obrigações e conflitos (Sousa, 2006). Em benefício dos netos, promove o seu desenvolvimento e maturidade cognitiva (Bengtson, 2001; Ruiz & Silverstein, 2007) e permite socialização, orientação, experiência, aconselhamento, sabedoria e respeito pelo processo de envelhecimento enquanto fase do ciclo vital (Beltrán & Gómez, 2013; Matthews & Sprey, 1985). Em benefício dos avós, permite a reflexão sobre o sentido da vida, identidade, papéis e relacionamentos; reaviva desejos, sonhos e ideais por realizar; possibilita a reparação das experiências infantis e a superação do papel de pais; proporciona experiências psicológicas positivas por projetar-se enquanto pessoa de recursos; satisfação em ver os filhos no papel de cuidadores; realizações vicárias através dos netos; familiariza com os novos costumes; permite concretizar desejo de continuidade; reduz a segregação etária; reelabora défices psicossociais; compensa fraquezas circunstanciais e promove a saúde mental (Albrecht, 1954; Beltrán & Gómez, 2013; Bengtson, 2001; Hakoyama & Malonebeach, 2013; Kahana & Kahana, 1971; Kipper e Lopes, 2006; Kivett, 1991; Kivnick, 1982; Neugarten & Weinstein, 1964; Ruiz & Silverstein, 2007; Sousa, 2006; Thomas, 1989).

Inversamente, há repercussões negativas na saúde e bem-estar dos avós quando há uma perda inesperada do contacto (Drew & Silverstein, 2007; Kruk, 1995) e enfraquecimento dos laços criados (Forsyth, 1994). A perda da pessoa amada (neto) e do seu papel (avô) (Kivnick, 1982) evidencia uma redução da satisfação com a vida e problemas de saúde

mental, tais como sintomas de perturbação de *stress* pós-traumático, intrusão cognitiva e depressão (Harwood & Lin, 2000).

Avós

Importa destacar o papel dos avós no estabelecimento do modelo relacional, dado o seu papel mais ativo e um papel mais passivo por parte da criança.

O papel de avô consiste num desafio ao desenvolvimento humano (Gomes-Pedro, 2006), que requer uma reorganização e elaboração psíquica que permita definir papéis e passar pelo processo de individuação na estrutura familiar (Kipper e Lopes, 2006; Pinto, Arrais & Brasil, 2014).

Este papel, ténue e ambíguo (Mills, 2001), flexível e multidimensional (Kivnick, 1982; Neugarten & Weinstein, 1964; Robertson, 1977), corresponde ao potencial de influência e responsabilidade interventiva dos avós (Gomes-Pedro, 2006).

Assim, é estabelecido por normas sociais, culturais e legais e construído no contexto familiar, o que prevê a sua variabilidade (Kahana & Kahana, 1971; Kivnick, 1982; Santos, Silva e Pontes, 2011; Sousa, 2006; Thiele & Whelan, 2006) em termos de proximidade, envolvimento e importância da relação (Crosnoe & Elder, 2002; Harwood & Lin, 2000; Kemp, 2007), ajustando-se às necessidades do neto em desenvolvimento (Albrecht, 1954; Bangerter & Waldron, 2014; Bengtson, 2001; Silverstein & Marenco, 2001).

Os papéis desempenhados pelos avós tendem a ser influenciados por fatores tais como, características sociodemográficas (e.g. idade, género e estado civil), características socioeconómicas (e.g. nível de escolaridade, situação de empregabilidade e recursos económicos), características da estrutura familiar (e.g. dinâmicas familiares, número de crianças, número de filhos, número de netos, linhagem, frequência de contacto entre avós e netos, qualidade da relação entre pais e avós e importância da família), recursos sociais (e.g. frequência de interação com os pares, laços comunitários e número de papéis não-familiares), recursos pessoais (e.g. estado de saúde, bem-estar e características da personalidade), distância geográfica e experiências com os seus avós e seus pais enquanto avós dos seus filhos (e.g. Barranti, 1985; Bernal & Anuncibay, 2008; Block, 2000; Boon, Shaw & MacKinnon, 2008; Brussoni & Boon, 1998; Creasey & Koblewski, 1991; Drew & Silverstein, 2007; Eisenberg, 1988; Geurts, Tilburg & Poortman, 2012; Hakoyama & Malonebeach, 2013; Kahana & Kahana, 1971; Kennedy, 1992; Kivett, 1991; Harper, 2006; Hodgson, 1992; Kruk, 1995; Mills, 2001; Monserud, 2010; Monserud, 2011; Moorman & Stokes, 2014; Robertson, 1977; Silverstein & Long, 1998; Silverstein & Marenco, 2001; Sousa, 2006; Thomas, 1989;

Timberlake, 1981; Tinsley & Parke, 1987; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005; Uhlenberg & Hammill, 1998; Viguer, Meléndez, Valencia, Cantero & Navarro, 2010).

Comumente, são referidos três papéis atribuíveis aos avós: instrumental (orientação e ensino de competências, valores, filosofias e assuntos religiosos, transmissão de hábitos e compromissos profissionais e familiares), emocional (criação de laços afetivos e consequentemente, uma forte vinculação) e social e simbólico (partilha de testemunhos sobre a história familiar) (Taylor, Robila & Lee, 2005). Paralelamente, Mansson (2013) nomeia comportamentos de comunicação: amor e estima (expressam elogios e a importância da relação, promovem a autoestima), cuidado (expressam preocupação e interesse pela vida dos netos, são bons ouvintes), memórias e humor (contam histórias, brincam e contam piadas), e comemoração (reconhecem ocasiões especiais e oferecem presentes).

Outros autores consideram outros papéis que remetem para o suporte económico (Lakó, 2014; Robertson, 1977), cuidados substitutos, participação nas normas (Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005), fonte de ideias e reflexão sobre a vida (Viguer, Meléndez, Valencia, Cantero & Navarro, 2010).

Diferentes autores reconhecem a complexidade do papel dos avós e, com base em diferentes critérios e dimensões, propõe tipologias que definem diferentes estilos de exercer o papel (Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005). Assim, enquanto alguns autores propõem estilos com pontos-chave comuns, outros propõe estilos qualitativamente diferentes e mutuamente exclusivos.

Robertson (1977) utiliza como pontos-chave os contributos pessoais (papel na satisfação do neto) e os contributos sociais (papel de modelo e mentor), formando quatro estilos de interação: dividido (ambos os contributos elevados, mais propenso a ser indulgente); individualizado (elevado contributo pessoal e reduzido contributo social, pouca consideração sobre expectativas normativas); simbólico (reduzido contributo pessoal e elevado contributo social); distante ou remoto (ambos os contributos reduzidos, distante e pouco envolvido).

Neugarten e Weinstein (1964) estabelecem cinco estilos de interação, com base nos comportamentos instrumentais ou expressivos, os quais são designados como: distante (relação benevolente e remota com contacto infrequente e fugaz, em ocasiões especiais), formal (relação de assistência especial e ocasional, com clara diferença em relação ao papel parental), autoritário (tem habilidades e recursos especiais e adota uma postura aceite pelos filhos, que se colocam numa posição subordinada face aos próprios pais), divertido (relação de mútua satisfação em atividades de lazer e lúdicas, de modo casual, amigável e informal) e

o substitutivo (assume todas as responsabilidades educativas na ausência ou incapacidade dos pais).

Goodman e Silverstein (2002) consideram que os cuidados diferem entre préstimo de assistência e assumir de todos os cuidados.

Harper (2006) considera que a natureza do vínculo entre avós e netos varia ao longo de um espectro, desde a partilha de interesses e lazer ocasional aos cuidados pessoais e íntimos regulares.

Gomes-Pedro (2006) destaca quatro tipos de vínculos, salientando a sua plasticidade e possibilidade de contextos intermédios, designados: remoto (mantem pouco contato, influência e envolvimento emocional), mimo-dadores (apenas faculta mimo e presentes, indiscriminadamente), envolvente (coabita com os netos havendo um maior contacto, responsabilidade, vínculo e dependência relacional), parceiro de brincadeiras (partilha atividades de tempos livres e prazer). Tendo em conta estratos sociais mais elevados, surge o tipo especialista (ocupa-se do acompanhamento escolar ou atividades específicas de tempos livres e tenta recriar o tempo não vivido com os filhos) e em estratos sociais mais baixos tendem a surgir os cuidadores (Gomes-Pedro, 2006; Mitshali, 2015).

Por fim, importa salientar que a proliferação de papéis e estilos de avós torna difícil mantê-los enquanto tipologias mutuamente exclusivas, sendo cada vez mais evidente as dimensões enquanto traços que podem estar presentes em simultâneo, ainda que em diferentes graus (Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005).

Relação não convencional na infância

As relações entre avós e netos não são igualmente suscetíveis de afetar, de forma real e significativa, as vidas dos netos (Brussoni & Boon, 1998). Isto porque, tal como a maneira de desempenhar o papel de avô é diferente, também o impacto é diferente.

Perante famílias disfuncionais surgem situações de cuidados não convencionais, onde os avós, nomeadamente do género feminino, são chamados a assumir a rede de segurança da criança (Emick & Hayslip, 1999; Hayslip & Kaminski, 2005; Jendrek, 1994; Timberlake, 1981). Nestas situações, os avós assumem as responsabilidades primárias (de modo formal ou informal) (Jendrek, 1994), procurando assegurar o bem-estar e sucesso no desenvolvimento da criança, principalmente em idades inferiores a 12 anos (Ruiz & Silverstein, 2007; Wood & Liossis, 2007).

Estas famílias disfuncionais apresentam problemas disruptivos e estigmatizados, tais como o abuso de substâncias, prisão, doença mental, seropositividade, morte, emigração,

violência, abuso ou negligência, divórcio dos pais, dificuldades financeiras e paternidade ou maternidade na adolescência (e.g. Burton, 1992; Conway, Jones & Speakes-Lewis, 2011; Dolbin-MacNab, 2006; Fuller-Thomson, Minkler & Driver, 1997; Goodman & Silverstein, 2002; Hayslip & Kaminski, 2005; Hayslip, Shanna, Neumann, Goodman, Smith, Maiden & Carr, 2013; Jendrek, 1994; Kruk, 1995; Langosch, 2012; Minkler, Roe & Price, 1992; Mitshali, 2015; Salomon & Marx, 1995; Sousa, 2006).

Os avós sacrificam as necessidades individuais em prol das necessidades familiares (Burton, 1992; Wood & Liossis, 2007), ainda que não se sintam preparados para redefinir e somar os papéis de avós e pais (Conway, Jones & Speakes-Lewis, 2011; Emick & Hayslip, 1999; Neugarten & Weinstein, 1964; Fuller-Thomson, Minkler & Driver, 1997). Tal sugere um potencial de ressentimento e conflito que, combinado com as necessidades especiais da criança (Emick & Hayslip, 1999; Langosch, 2012), pode exacerbar as dificuldades no reajuste dos papéis (Hayslip, Shore, Henderson & Lambert, 1998) e afetar negativamente os avós (Jendrek, 1994; Minkler, Roe & Price, 1992).

Assim, por um lado, as crianças apresentam traumas decorrentes das circunstâncias familiares e, conseqüentemente, uma maior incidência de problemas de aprendizagem, comportamentais (agressivo, de oposição) e emocionais (depressão, ansiedade, raiva, angústia, rejeição e culpa) (Emick & Hayslip, 1999; Hayslip, Shore, Henderson & Lambert, 1998). Por outro, os avós revelam vulnerabilidades pessoais, interpessoais, económicas, físicas e psicológicas, tais como: diminuição do bem-estar; *stress*, depressão e ansiedade; alteração dos planos e expectativas; preocupação com saúde e bem-estar dos netos após sua doença ou morte; falta de suporte; isolamento social; falta de energia e tempo; menor independência, privacidade e lazer; menor autoestima e autoimagem; relações conflituosas com os pares; tensão com outros netos e conjugue; conflitos com os pais biológicos; insegurança financeira e comportamentos aditivos (Burton, 1992; Caldeira, 2010; Conway, Emick & Hayslip, 1999; Hayslip & Kaminski, 2005; Hayslip, Shore, Henderson & Lambert, 1998; Jendrek, 1994; Conway, Jones & Speakes-Lewis, 2011; Langosch, 2012; Minkler, Roe & Price, 1992; Minkler & Fuller-Thomson, 1999; Musil, 1998; Musil, Schrader & Mutikani, 2000; Silverstein & Marenco, 2000).

Ao longo do tempo os avós podem ajustar-se às demandas e privilégios associados ao ser primeiro prestador de cuidados (Hayslip, Shore, Henderson & Lambert, 1998), emergindo benefícios como uma relação especial de proximidade, adquirir um propósito de vida, manter a continuidade da identidade e bem-estar familiar, melhorias na saúde física e emocional, orgulho na realização dos netos como consequência do seu sucesso parental e valorização

(Albrecht, 1954; Brown, 2003; Burton, 1992; Hayslip, Shore, Henderson & Lambert, 1998; Jendrek, 1994; Langosch, 2012). Como consequência, surgem benefícios emocionais para as crianças (Ruiz & Silverstein, 2007), saúde psicossocial (Musil, 1998), desempenho escolar, autonomia na tomada de decisão e menor probabilidade de comportamentos desviantes (Hayslip & Kaminski, 2005). Tal sugere que os avós são eficientes enquanto substitutos parentais, complementando eficazmente as relações problemáticas entre os filhos e os netos (Ruiz & Silverstein, 2007) e proporcionando um ambiente saudável à criança (Salomon & Marx, 1995). Em suma, “Os avós habitam a vida dos netos. Os netos precisam muito dos avós para habitarem melhor as suas próprias vidas” (Strecht, 2016, p.10).

Objetivos de estudo

Apesar da crescente eminência e importância das relações intergeracionais entre avós e netos na sociedade atual, verifica-se um escasso desenvolvimento da construção e validação de escalas para a população portuguesa, sobre o constructo.

Assim, o principal objetivo deste estudo consta na construção e validação de uma escala de crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos, destinada à população infantil.

Decorrente da validação psicométrica da escala, procurar-se-á uma sucinta descrição das crenças das crianças face a estas relações, destacando a relação de algumas variáveis.

MÉTODO

Participantes

Os critérios de inclusão consistiram na idade compreendida entre os 7 e os 12 anos de idade e capacidade de ler e compreender a língua portuguesa. Outras características inerentes à criança e às relações intergeracionais com os avós, não são determinadas como critérios mas são questionadas para fins estatísticos e descritivos.

A amostragem é não-probabilística ou intencional, uma vez que a probabilidade relativa de um elemento ser incluído na amostra é desconhecida (Ribeiro, 2007). Esta amostra é ainda considerada heterogénea representativa dado que consiste num conjunto de indivíduos que possuem uma variável comum, garantindo a amplitude da representação da mesma (Ribeiro, 2007). A participação foi voluntária e sem alguma contrapartida monetária ou compensatória.

A amostra do estudo é constituída por 281 crianças, 125 do género masculino e 156 do género feminino, com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos de idade ($M=9,487$ e $\sigma=1,682$). Em termos de escolarização 15,0% frequentam o 2º ano, 23,1% frequentam o 3º ano, 20,1% frequentam o 4º ano, 12,5% frequentam o 5ºano, 13,2 % frequentam o 6ºano e 16,1% frequentam o 7ºano. Em termos de nacionalidade, 95,7% é Portuguesa. A restante 0,4% Guineense, 0,4% Moldava, 1,1% Brasileira, 0,4% Espanhola, 0,4% Romena, 0,4 Ucraniana, 0,4% Cabo-verdiana, 0,7 Chinesa, 0,4% Santomense. Em termos de irmãos, enquanto 73 crianças não têm irmãos, 208 apresentam entre 1 a 4 irmãos com tempos de vida compreendidos entre os 0 e 36 anos de idade. Em termos de coabitação, temos que 83,8% vive com os pais, 9,7% vive com a mãe, 1,1% vive com o pai, 1,4% vive com a mãe e avós, 2,5% vive com os pais e avós, 1,1% vive com os avós e 0,4% vive com os tios.

Em termos de estado civil dos pais, temos 58,1% casados, 12,2% separados, 12,6% divorciados, 15,2% a viver em comunhão e 1,9% viúvos. Em termos de situação de empregabilidade, 90,6% dos pais estão no ativo, 8,3% desempregados e 1,1% reformados. Por sua vez, 87,9% das mães estão no ativo, 11,7% desempregadas e 0,4% reformadas.

Tabela 1

Estatística descritiva das características das relações intergeracionais

Características		Linha familiar paterna		Linha familiar materna	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Condição psicofísica	Saudável	42,4%	47,6%	39,4%	48,7%
	Nem doente nem saudável	18,9%	23,4%	20,8%	27,3%
	Doente	6,8%	15,6%	8,0%	14,5%
	Faleceu	31,8%	13,4%	31,8%	9,5%
Estado civil	Casados	62,9%		55,8%	
	Separados	5,9%		8,3%	
	Divorciados	7,4%		12,1%	
	Em comunhão	1,2%		0,8%	
	Viúvo	22,7%		23,0%	
Habilitações literárias	Sem escolaridade	0,4%	0,4%	0%	0,4%
	Ensino básico	83,0%	85,2%	77,3%	83,1%
	Ensino secundário	13,5%	11,4%	17,6%	13,3%
	Ensino superior	3,1%	3,0%	5,0%	3,2%
Situação de empregabilidade	Ativo	23,1%	23,9%	24,5%	33,2%
	Desempregado	1,5%	11,5%	3,0%	9,8%
	Reformado	75,4%	64,6%	72,5%	57,0%
Número de filhos		Entre 1-12 (M=2,925; $\sigma=1,950$)	Entre 1-12 (M=2,828; $\sigma=1,761$).	Entre 1-16 (M=3,180; $\sigma=2,194$)	Entre 1-16 (M=3,059; $\sigma=1,944$).
Número de netos		Entre 1-26 (M=4,217; $\sigma=3,733$)	Entre 1-26 (M=4,155; $\sigma=3,123$).	Entre 1-36 (M=4,979; $\sigma=4,919$)	Entre 1-36 (M=4,865; $\sigma=4,674$).
Proximidade habitacional	Coabita	7,7%	7,2%	7,3%	11,2%
	Mesmo bairro	23,0%	26,5%	23,8%	22,0%
	Mesma cidade	40,4%	35,9%	40,4%	41,4%
	Mesmo país	27,9%	29,1%	28,0%	23,7%
	Outro país	1,1%	1,3%	0,5%	1,7%

	Diário	21,7%	24,7%	32,1%	39,0%
	Semanal	38,6%	37,7%	35,9%	37,7%
Frequência de	Mensal	28,8%	26,5%	20,1%	16,1%
contacto	Anual	10,3%	10,8%	11,4%	6,8%
	Sem contacto	0,5%	0,4%	0,5%	0,4%
	Necessidade pais	12,5%	9,3%	11,0%	11,1%
Razão de contacto	Necessidade avós	3,1%	3,4%	1,8%	4,6%
	Vontade	84,4%	87,3%	87,2%	84,3%

Material

No presente estudo, foram construídos três instrumentos.

O primeiro consistiu num questionário sociodemográfico de caracterização da amostra, desenvolvido com suporte na literatura, que procura estabelecer as características das crianças (e.g. sexo, idade, ano de escolaridade, nacionalidade, existência de irmãos e suas idades, com quem vive, estado civil e profissão dos pais).

O segundo, anexo ao anterior e designado História Pessoal, constitui um questionário de caracterização das relações intergeracionais, desenvolvido com suporte na literatura, que procura evidenciar as características dos avós, que mobilizam as relações com os netos (e.g. condição psicofísica, estado civil, habilitações literárias, profissão dos avós, número de filhos, número de netos, proximidade habitacional, frequência e razão de contacto).

O terceiro constituiu uma escala de crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos, desenvolvido com suporte na literatura e em três entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas a crianças. Este instrumento procura descrever as crenças das crianças sobre a relação intergeracional entre avós e netos. Inicialmente fora formado por 31 itens, distribuídos de forma aleatória. Após validação, ficou reduzido a 22 itens. Em cada afirmação, a criança deve assinalar a sua concordância ou discordância segundo uma escala tipo *likert* de 5 pontos, sendo atribuído um ponto a “discordo totalmente”, dois pontos a “discordo”, três pontos a “não concordo nem discordo”, quatro pontos a “concordo” e cinco pontos a “concordo totalmente”. Em suma, a escala tem pontuação mínima de vinte e dois pontos e a pontuação máxima de cento e dez pontos.

Delineamento

O estudo proposto consta num desenho observacional-descritivo transversal.

Pretende-se descrever os acontecimentos que ocorrem naturalmente, sem a intervenção do investigador, e averiguar quais os efeitos e relações dos acontecimentos com outras variáveis (Ribeiro, 2007). Assim, ao fornecer informação sobre a população envolvida no estudo, foca num único grupo representativo da população estudada, sendo os dados recolhidos num único momento (Ribeiro, 2007).

Procedimento

O presente estudo contempla três fases.

A primeira fase visa a construção dos questionários, destacando-se a escala por cumprir vários procedimentos. Para efeitos de construção e validação semântica da escala, foi elaborado um guião (Anexo I) que orientasse as crianças para a temática, oferecendo liberdade para expor as suas ideias e pontos de vista (Ritchie & Lewis, 2003). Com base neste, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas em profundidade e, posteriormente, respetiva análise de conteúdo. A partir desta técnica de pesquisa, que permite descrever o conteúdo manifesto na comunicação de forma objetiva, sistemática e quantitativa (Campos, 2004), e da literatura anexa, foram formulados os itens constituintes da escala. Por conseguinte, foi realizado um pré-teste com três crianças, com o objetivo de verificar a compreensão dos itens e ajustar a escala.

A segunda fase visa a validação psicométrica do instrumento construído. Para tal, primeiramente, procedeu-se à recolha da amostra, sendo entregues protocolos, constituídos por consentimento informado (Anexo II), questionário sociodemográfico de caracterização da amostra e das relações intergeracionais entre avós e netos (Anexo III) e escala (Anexo IV). Numa primeira abordagem foram contactados os agrupamentos de escolas e instituições particulares de solidariedade social do distrito de Lisboa, no sentido de possibilitar a recolha da amostra na sua estância. Um agrupamento de escolas e três instituições particulares de solidariedade social prestaram-se a colaborar no estudo. Numa segunda abordagem foram entregues os protocolos aos diretores das instituições e dadas as seguintes instruções *“Vou facultar-vos estas folhas anexas. A primeira é destinada aos responsáveis das crianças, devendo ser assinadas pelos mesmos. As seguintes são destinadas às crianças, sendo preenchidas com os seus dados e consoante o que acharem mais adequado. Desde já, obrigada pela vossa colaboração.”* Numa terceira abordagem, foram recolhidos os protocolos.

Seguidamente, observaram-se alguns pressupostos relativos à amostra, requeridos para conduzir a análise. O primeiro diz respeito ao tamanho da amostra, sendo necessários 7 a 10

sujeitos por item (equivalente a um total de 217 a 310 inquiridos) (Pasquali, 2004). Foram recolhidos 375 e excluídos 94 por não estarem preenchidos ou não integrarem os critérios estabelecidos *á priori* (3 protocolos em branco, 37 consentimentos informados em branco, 7 escalas em branco, 4 sem preenchimento de idade e 43 com idades fora do intervalo pretendido), resultando 281 inquiridos válidos. O segundo diz respeito aos dados omissos que, quando superiores a 5%, devem ser excluídos da amostra (Tabachnick & Fidell, 1996). Segundo a análise exploratória, os dados omissos têm uma representação muito inferior a 5%, o que evita a exclusão de dados e permite substituir os valores omissos pela média do grupo em cada item.

Por fim, tendo-se atendido aos pré-requisitos, procedeu-se à validação psicométrica da escala. Esta contempla a avaliação do conjunto de pressupostos de sensibilidade, validade de construto e fiabilidade. Para este efeito procedeu-se à análise descritiva (medidas de tendência central, medidas de dispersão, mínimos e máximos e medidas de achatamento), Análise Fatorial Exploratória (AFE - sobre a matriz de correlações, com extração de fatores pelo método das componentes principais e rotação Varimax) e análise da consistência interna. A qualidade do modelo fatorial ajustado é avaliada através dos valores de referência descritos por Marôco (2014).

A terceira fase visa a descrição geral das crenças através da escala validada nas fases anteriores, tendo por base a análise descritiva precedente. Foram também elaborados alguns testes estatísticos para verificar correlações mais particulares.

Em primeiro lugar, foi avaliada a significância da diferença entre o género masculino (grupo 1) e feminino (grupo 2), com o teste t-student para amostras independentes. O pressuposto estatístico de homogeneidade das variâncias nos dois grupos foi avaliado pelo teste de Levene, tendo-se verificado homogeneidade em todos os casos ($p\text{-value} \leq 0.05$). Consideram-se estatisticamente significativas as diferenças entre as médias cujo *p-value* for inferior ou igual a 0.05.

Em segundo lugar, foi avaliada a significância da diferença entre a existência de irmãos (grupo 1) e não existência de irmãos (grupo 2), com o teste t-student para amostras independentes. O pressuposto estatístico de homogeneidade das variâncias nos dois grupos foi avaliado pelo teste de Levene, tendo-se verificado homogeneidade em todos os casos ($p\text{-value} \leq 0.05$). Consideram-se estatisticamente significativas as diferenças entre as médias cujo *p-value* for inferior ou igual a 0.05.

Todas as pesquisas foram elaboradas com o *software SPSS (v.24)*.

RESULTADOS

Validação psicométrica da escala

Em primeiro lugar, são apresentados os dados inerentes à validação psicométrica da escala de crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos. Neste sentido é apresentada a avaliação de um conjunto de pressupostos, nomeadamente a sensibilidade, a validade e a fiabilidade da escala. Assim, recorreu-se ao *software SPSS (v.24)*, por forma a analisar a normalidade, Análise Fatorial Exploratória e o alpha de Cronbach.

Sensibilidade

A sensibilidade ou normalidade da distribuição dos resultados consiste na capacidade dos itens discriminarem diferentes examinandos, de acordo com os fatores que são avaliados. Neste caso, sendo uma escala de respostas típica com itens politómicos deve haver respostas em todas as categorias de resposta, com uma distribuição normal ou sem desvios grosseiros, assumindo uma assimetria de módulo inferior a 3 um achatamento de módulo inferior a 7 (Kline, 2000).

Estas características são evidenciadas na tabela 2, abaixo. Em termos da apresentação de soluções em todas as categorias de resposta, os itens 1, 2, 4, 6, 8 e 21 são problemáticos por não apresentarem respostas em algumas categorias de menor pontuação. Em termos de assimetria de módulo inferior a 3, os itens 11 e 12 são problemáticos por apresentarem valores ligeiramente superiores a 3. Em termos de curtose de módulo inferior a 7, os itens 2, 11 e 12 são problemáticos por apresentarem valores ligeiramente superiores a 7.

Tal pode estar relacionado com o facto de a escala apresentar um número reduzido de itens, itens com elevada desejabilidade social, itens muito fáceis ou difíceis, tempo de aplicação mal determinado, aplicação não adequada à amostra ou falta de pureza fatorial. Neste sentido compreende-se que os itens sejam de grande facilidade de resposta e suscetíveis à desejabilidade social. Ainda assim e uma vez que estes itens não apresentam desvios grosseiros, prosseguiu-se com a análise dos mesmos, considerando-se tolerável um razoável afastamento da normalidade, com pequeno efeito prático (Pinto, 2014).

Tabela 2
Estatística descritiva da escala

Itens	M	DP	Min - Máx	Ass	K
1. Tenho uma boa relação com os avós.	4.75	0.47	3-5	1.55	1.38
2. Sinto amor, carinho e afeto pelos avós.	4.77	0.48	2-5	2.41	7.47
3. Os avós vão-me buscar e levar à escola	2.59	1.45	1-5	0.37	1.25
4. Sinto-me feliz, alegre e contente quando estou com os avós.	4.74	0.52	2-5	2.09	4.40
5. Com a escola e as atividades extracurriculares não tenho tanto tempo para estar com os avós	2.92	1.34	1-5	0.03	1.21
6. Acho que os avós sentem amor, carinho e afeto por mim.	4.83	0.41	2-5	2.70	9.29
7. Os avós contam-me histórias sobre a sua vida passada.	4.14	1.04	1-5	1.37	1.52
8. Os avós são as pessoas mais próximas de mim.	3.40	1.13	2-5	0.29	0.76
9. Acho que os avós sentem-se felizes, alegres e contente quando estão comigo.	4.74	0.60	1-5	3.33	14.92
10. Os avós ajudam-me nos trabalhos de casa.	2.55	1.35	1-5	0.29	1.22
11. Fico contente quando vejo que os avós têm capacidades e saúde.	4.68	0.71	1-5	3.12	11.81
12. Os avós dão-me dores de cabeça, irritam-me e/ou batem-me.	1.19	0.53	1-5	3.41	14.11
13. Estar com os avós é chato.	1.37	0.82	1-5	2.71	7.61
14. Os avós são as pessoas mais disponíveis para mim.	3.67	1.12	1-5	0.48	0.58
15. Gostava de passar mais tempo com os avós.	4.29	0.85	1-5	1.26	1.61
16. Os avós ensinam-me o que devo e/ou não devo fazer.	4.29	0.82	1-5	1.27	1.79
17. Os avós são as pessoas mais preocupadas	3.53	1.02	1-5	0.40	0.44

	comigo.					
18.	Acho que os avós sentem que eu dou-lhes dores de cabeça.	1.95	1.19	1-5	1.11	0.22
19.	Acho que os avós sentem que é chato estar comigo.	1.48	0.91	1-5	2.42	6.05
20.	Acho que os avós gostavam de passar mais tempo comigo.	4.45	0.75	1-5	1,59	3.16
21.	Dou mimos e carinho aos avós.	4.47	0.71	2-5	1.29	1.24
22.	Os avós são as pessoas mais compreensivas comigo.	3.89	0.95	1-5	0.66	0.03
23.	Divirto-me com os avós.	4.49	0.71	1-5	1.93	5.73
24.	Os avós brincam comigo.	4.24	0.90	1-5	1.44	2.21
25.	Acho que os avós divertem-se comigo.	4.44	0.73	1-5	1.58	3.54
26.	Os avós são as pessoas mais pacientes comigo.	3.99	0.99	1-5	0.73	0.25
27.	A relação entre mim e os avós é igual com o passar dos anos.	3.96	1.09	1-5	0.91	0.04
28.	Os avós dão-me mimos e carinho.	4.61	0.67	1-5	2.07	5.22
29.	Os avós têm responsabilidade em cuidar de mim.	4.10	1.15	1-5	1.32	0.99
30.	O tempo que passo com os avós diminui com o passar dos anos.	2.70	1,38	1-5	0.17	1.31
31.	Fico triste quando vejo que os avós perdem capacidades e saúde.	4.61	0.73	1-5	2.63	8.58

Validade de constructo

A validade consiste na capacidade da escala avaliar o atributo psicológico pretendido, ou seja, o grau em que a evidência empírica e a teoria sustentam a interpretação dos resultados de um teste de forma consequente com os seus objetivos declarados. Por sua vez, a validade de constructo ou fatorial consiste na capacidade do teste avaliar com exatidão o atributo que se pretende medir (Marôco, 2010).

Neste caso, não existindo informação prévia sobre a estrutura fatorial, procedeu-se à Análise Fatorial Exploratória com o intuito de analisar a estrutura de um conjunto de variáveis

interrelacionadas e construir uma escala de medida para fatores intrínsecos que, de forma mais ou menos explícita, controlam as variáveis manifestas (Marôco, 2014).

Por forma a verificar se as correlações entre as variáveis são elevadas o suficiente para que a AFE tenha utilidade, verificou-se o critério KMO que ao apresentar o valor de 0.091 indica uma boa fatorabilidade da matriz de correlações (Marôco, 2014).

Segundo Marôco (2014), em amostras superiores a 200 sujeitos, a utilização de um único critério pode levar à retenção de mais fatores do que aqueles relevantes para descrever a estrutura latente. Assim recorreu-se ao método das componentes principais, sendo que os fatores comuns retidos foram aqueles que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, em consonância com a percentagem de variância total explicada (superior a 50) e o *Scree Plot* (retenção do número de fatores até ao ponto de inflexão). Ambos os critérios sugeriram a retenção de 4 ou 5 fatores e, depois de uma análise detalhada das duas possibilidades, optou-se pela retenção de 4 fatores por apresentar índices psicométricos mais adequados e possibilitar a identificação das crenças em cada fator (análise semântica).

Procedeu-se à rotação de fatores pelo método varimax e à estimação dos valores dos fatores pelo método Barlett. As comunalidades, assim como a matriz de componente rotativa, permitiram avaliar a representação de cada item no modelo, sugerindo a exclusão de 9 itens (item 3, 5, 7, 9, 27, 28, 29, 30 e 31). Estes itens foram excluídos, permitindo aumentar a variância total explicada sem afetar o modelo, por haver um número significativo de itens em cada fator que explicam de igual forma o construto.

Em suma, a AFE permitiu a validação de uma escala com 22 itens numa estrutura relacional explicada por quatro fatores latentes. Os resultados derivados dos passos acima descritos encontram-se reunidos na tabela 3, abaixo (e.g. pesos fatoriais de cada item nos 4 fatores retidos, comunalidades, *eigenvalues* e % de variância explicada, após a AFE com extração de fatores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação varimax).

Tabela 3

Modelo de Análise Fatorial Exploratória. (A negrito apresentam-se os itens com pesos fatoriais superiores a 0.4 em valor absoluto)

Item	Fatores				Comunalidades
	Papel instrumental	Papel emocional	Papel social e simbólico	Papel não convencional	
8	.753	.169	.026	.034	.598
10	.563	.103	-.009	.121	.343
14	.763	.172	.105	-.021	.623
16	.433	.332	.415	-.017	.470
17	.743	.103	.232	-.073	.622
22	.726	.136	.288	-.146	.650
26	.624	.046	.368	-.258	.593
1	.190	.810	.031	-.175	.723
2	.180	.804	.061	-.145	.704
4	.246	.701	.276	-.031	.628
6	.138	.697	.289	-.090	.597
11	-.083	.486	.347	.003	.363
21	.302	.468	.389	-.143	.482
15	-.183	.131	.684	-.127	.534
20	.020	.107	.761	-.050	.593
23	.302	.424	.593	-.157	.648
24	.433	.418	.452	-.055	.569
25	.277	.293	.695	-.114	.659
12	.023	-.177	.031	.765	.363
13	-.040	-.170	-.047	.687	.505
18	.302	-.026	-.190	.651	.461
19	-.105	-.003	-.117	.718	.541
Eigenvalue	7.982	2.166	1.677	1.308	
Variância explicada	34.704	9.416	7.291	5.687	

Fiabilidade

A fiabilidade ou confiabilidade consiste na capacidade do teste medir de forma repetida e consistente um mesmo atributo nas mesmas condições (Marôco & Garcia-Marques, 2006). Neste caso é avaliada pelo alpha de cronbach, isto é, medida de consistência interna que tem por base as correlações médias entre os itens que constituem as dimensões, ponderada pelas respectivas variâncias. Este deve ser superior a 0.6, valor considerado aceitável por vários autores como Murphy e Davidsholder (Marôco & Garcia-Marques, 2006). Assim, conclui-se que a fiabilidade é apropriada em todos os fatores, sendo que o papel instrumental apresenta α de 0.834, o papel emocional apresenta α de 0.806, o papel social e simbólico apresenta α de 0.855 e o papel não convencional apresenta α de 0.659.

Análise descritiva

Em segundo lugar, procedeu-se à análise descritiva da escala validada, no sentido de observar as crenças gerais das crianças em torno das relações intergeracionais entre avós e netos. Posteriormente, foram aferidas correlações entre características das crianças e as crenças das mesmas.

Em termos de crenças gerais. Com base na tabela 4 abaixo, podemos inferir algumas generalidades sobre as crenças das crianças face às relações intergeracionais entre avós e netos. O papel instrumental contempla todas as opções de resposta, sendo que as médias dos seus itens variam entre 2.55 e 4.29 pontos. Tal sugere alguma indecisão na identificação e portanto um papel pouco significativo. O papel emocional, na maioria dos casos, não contempla todas as opções de resposta, sendo que as médias dos seus itens variam entre 4.47 e 4.83 pontos. Tal sugere uma forte identificação e portanto um papel muito significativo. O papel social e simbólico contempla todas as opções de resposta, sendo que as médias dos seus itens variam entre 4.24 e 4.49 pontos. Tal sugere uma forte identificação e portanto um papel significativo. O papel não convencional contempla todas as opções de resposta, sendo que as médias dos seus itens variam entre 1.19 e 3.53 pontos. Tal sugere uma reduzida identificação com este papel.

Tabela 4

Estatística descritiva da escala validada, organizada pelos 4 fatores

Itens	M	DP	Min - Máx	Ass	K
Papel Instrumental					
10. Os avós são as pessoas mais próximas de mim.	3.40	1.13	2-5	0.29	0.76
32. Os avós ajudam-me nos trabalhos de casa.	2.55	1.35	1-5	0.29	1.22
10. Os avós são as pessoas mais disponíveis para mim.	3.67	1.12	1-5	0.48	0.58
11. Os avós ensinam-me o que devo e/ou não devo fazer.	4.29	0.82	1-5	1.27	1.79
12. Os avós são as pessoas mais preocupadas comigo.	3.53	1.02	1-5	0.40	0.44
13. Os avós são as pessoas mais compreensivas comigo.	3.89	0.95	1-5	0.66	0.03
14. Os avós são as pessoas mais pacientes comigo.	3.99	0.99	1-5	0.73	0.25
Papel Emocional					
4. Tenho uma boa relação com os avós.	4.75	0.47	3-5	1.55	1.38
5. Sinto amor, carinho e afeto pelos avós.	4.77	0.48	2-5	2.41	7.47
6. Sinto-me feliz, alegre e contente quando estou com os avós.	4.74	0.52	2-5	2.09	4.40
8. Acho que os avós sentem amor, carinho e afeto por mim.	4.83	0.41	2-5	2.70	9.29
15. Fico contente quando vejo que os avós têm capacidades e saúde.	4.68	0.71	1-5	3.12	11.81
16. Dou mimos e carinho aos avós.	4.47	0.71	2-5	1.29	1.24
Papel Social e Simbólico					
17. Gostava de passar mais tempo com os avós.	4.29	0.85	1-5	1.26	1.61
18. Divirto-me com os avós.	4.49	0.71	1-5	1.93	5.73
19. Os avós brincam comigo.	4.24	0.90	1-5	1.44	2.21

20. Acho que os avós divertem-se comigo. 4.44 0.73 1-5 1.58 3.54

Papel Não Convencional

21. Os avós dão-me dores de cabeça, irritam-me e/ou batem-me. 1.19 0.53 1-5 3.41 14.11

22. Estar com os avós é chato. 1.37 0.82 1-5 2.71 7.61

23. Acho que os avós sentem que eu dou-lhes dores de cabeça. 1.95 1.19 1-5 1.11 0.22

24. Acho que os avós sentem que é chato estar comigo. 1.48 0.91 1-5 2.42 6.05

Em termos de crenças, em casos particulares de correlações. Foi realizado o teste t-student para amostras independentes, no sentido de verificar se as crenças sobre as relações intergeracionais variam consoante o género da criança. O teste de Levene sugeriu a homogeneidade das variâncias ($p\text{-value} \leq 0.05$). Os resultados revelam não haver diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e masculino ($p\text{-value} \leq 0.05$), em termos de crenças relativas aos papéis instrumental, emocional e social e simbólico. Contudo verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e masculino, no que diz respeito às crenças inerentes ao papel não convencional.

Tabela 5

Estatística descritiva e testes estatísticos das crenças conforme a variável género (A negrito apresentam-se os valores que sugerem diferenças estatisticamente significativas)

Papel	Género	M	SEM	Teste Levene	Teste t-student
Instrumental	Masculino	3.57	0.06	0.441	0.332
	Feminino	3.66	0.06		
Emocional	Masculino	4.66	0.04	0.267	0.114
	Feminino	4.74	0.03		
Social e Simbólico	Masculino	4.35	0.06	0.477	0.508
	Feminino	4.40	0.05		
Não Convencional	Masculino	1.60	0.07	0.068	0.023
	Feminino	1.42	0.04		

Em termos de crenças, em casos particulares de correlações. Foi igualmente realizado o teste t-student para amostras independentes, no sentido de verificar se as crenças sobre as relações intergeracionais variam consoante a criança tenha, ou não, irmãos. O teste de Levene sugeriu a homogeneidade das variâncias ($p\text{-value} \leq 0.05$). Os resultados revelam não haver diferenças estatisticamente significativas entre as crianças que têm irmãos e as que não têm irmãos ($p\text{-value} \leq 0.05$), em termos de crenças relativas aos papéis desempenhados pelos avós.

Tabela 6

Estatística descritiva e testes estatísticos das crenças conforme a variável existência de irmãos

Papel	Existência de irmãos	M	SEM	Teste Levene (sig)	Teste t-student (sig)
Instrumental	Não	3.76	0.09	0.780	0.060
	Sim	3.57	0.05		
Emocional	Não	4.76	0.04	0.059	0.135
	Sim	4.68	0.03		
Social e Simbólico	Não	4.44	0.06	0.629	0.339
	Sim	4.36	0.04		
Não Convencional	Não	1.44	0.07	0.356	0.305
	Sim	1.53	0.05		

DISCUSSÃO

O presente artigo procurou investigar aspetos salientes das relações entre avós e netos, focando fatores críticos e eventos, na perspetiva do grupo de netos face ao contexto abstrato geral. Desta forma, são reportados resultados de um estudo exploratório sobre as crenças das crianças em torno das relações intergeracionais entre avós e netos.

Discussão dos resultados

O primeiro objetivo prendeu-se com a construção e validação de uma escala, do qual importa discutir dois aspetos.

O primeiro diz respeito à vinculação com a literatura utilizada na construção dos itens e características psicométricas do instrumento. Como já referido, a construção dos itens teve por base a revisão de literatura e três entrevistas semiestruturadas. A partir destas foram construídos itens que remetiam para o tipo de relação estabelecida, os papéis desempenhados pelos avós, os estilos dos avós e benefícios e malefícios da relação. A lógica do agrupamento dos componentes tem por base a diferenciação da relação convencional (que contempla os papéis emocional, instrumental e social e simbólico) e não convencional (que contempla a soma ou evitamento de papéis, com repercussões negativas para ambos os intervenientes). A Análise Fatorial Exploratória indicou a existência de quatro fatores diferentes. O fator 1 remeteu para o papel instrumental; o fator 2 remeteu o papel emocional; o fator 3 remeteu para o papel social e simbólico e o fator 4 remeteu para um papel não convencional. A escala apresentou indicadores psicométricos adequados e todos os fatores obtiveram um índice de consistência interna satisfatório. Em suma, foi construído e validado um instrumento, consolidando um passo na investigação sobre as relações intergeracionais.

O segundo diz respeito às possibilidades de utilização do instrumento como a avaliação ou diagnóstico e intervenção. Primeiramente, avaliar crenças consiste numa estratégia para conhecer um amplo conjunto de perceções e identificar aspetos relacionados. Assim, o presente instrumento permite identificar as crenças das crianças face às relações intergeracionais entre avós e netos, sugerindo perceções diferentes de acordo com o tipo de relação estabelecida á priori. Segundamente, intervir consiste num conjunto de estratégias que permitem influenciar crenças, atitudes, intenções e comportamentos, sendo exemplo a participação ativa (experiência que proporciona oportunidade para adquirir uma nova informação e redefinir crenças) e a comunicação persuasiva (comunicação com fonte externa de informação que influencia a atitude) (Ajzen e Fishbein, 1980). Em suma, a qualidade e sucesso da relação entre avós e netos é influenciada pelas crenças dos netos, que por sua vez

têm origem na influência que os avós têm na vida dos netos. Assim, as crianças que experimentam proximidade, compreensão e reconhecimento por parte dos avós, percebem uma relação positiva, autêntica e amigável (Kennedy, 1992). Por outro lado, quando as crianças não experimentam estes sentimentos, percebem uma relação negativa, devendo ocorrer uma reconfiguração das crenças no sentido do estabelecimento de uma relação benéfica e afetuosa.

O segundo objetivo prendeu-se com a descrição, de modo geral e particular, das crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos. A escala permitiu verificar que as crianças tendem a perceber uma relação convencional com uma forte componente emocional, rejeitando aspectos de valência emocional negativa. É também destacada uma componente social e simbólica e, em alguns casos, instrumental.

Tendo em vista as crenças de forma geral. Segundo vários autores, uma relação de maior proximidade emocional tende a estar associada a netos do género feminino; avós de linha familiar materna, do género feminino, saudáveis, casados, reduzido número de netos; menor distância habitacional e elevada frequência de contacto (Bangerter & Waldron, 2014; Block, 2000; Creasey & Kaliher, 1994; Creasey & Koblewski, 1991; Einsenberg, 1988; Hakoyama & Malonebeach, 2013; Hartshorne & Manaster, 1982; Harwood & Lin, 2000; Holladay & Seipke, 2007; Hodgson, 1992; Kahana & Kahana, 1971; Kennedy, 1992; Kivett, 1991; Matthews & Sprey 1985; Mills, 2001; Silverstein & Marenco, 2001; Taylor, Robila & Lee, 2005; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005; Uhlenberg & Hamill, 1998; Viguer, Meléndez, Valencia, Cantero & Navarro, 2010). Na presente amostragem tem-se netos com uma divisão equivalente por géneros (44,5% e 55,5%), com avós da linha familiar materna e género feminino saudáveis (48,7%), casados (55,8%), número médio de 3 netos, em situação de coabitação com o neto (11,2%) e contacto diário (39,0%). Apesar de algumas percentagens não serem muito significativas, têm uma maior representação quando comparadas com as restantes modalidades, o que em parte justifica a maior preponderância do papel emocional.

Tendo em vista os resultados no sentido de uma maior importância do papel emocional dos avós para as crianças, importa ainda salientar que vários autores distinguem os papéis conforme o género dos avós. Por um lado, o avô envolve-se em áreas como a educação, emprego, (Einsenberg, 1988) e atividades físicas ao ar livre (Tinsley & Parke, 1987; Kennedy, 1992; Smorti, Tschiesner & Farneti, 2012) e desempenha um papel tipicamente instrumental (Einsenberg, 1988; Kennedy, 1992) e cinco papéis simbólicos (presença, proteção, atenção, mediação entre membros da família e participação na construção social da história familiar). Por sua vez, a avó demonstra mais cuidado e afeto (Tinsley &

Parke, 1987), envolve-se em atividades de comunicação e alimentação (Kennedy, 1992; Smorti, Tschiesner & Farneti, 2012) e assume o papel de protetora e companheira de substituição (confidente, guia e facilitador), progenitora de substituição (ouvinte, professor e mentor) e pilar de segurança da família (passagem de valores, reações e história) (Harper, 2006; Strecht, 2016), sendo nomeada “o avô fulcral” ou “verdadeiro avô” (Einsenberg, 1988). Assim, uma vez que existe uma maior prevalência de avôs falecidos e avôs saudáveis, as crianças têm mais possibilidades de contacto com os papéis tipicamente emocionais, em detrimento dos papéis instrumentais, o que vai de encontro aos resultados supracitados.

Indo novamente ao encontro da compreensão da menor preponderância do papel instrumental, as habilitações literárias fornecem alguns indicadores. Por um lado, avôs com menos escolaridade agem como amigos, por outro, os avôs com mais educação agem como conselheiros e mentores (Hakoyama & Malonebeach, 2013). Por outras palavras, enquanto os avôs com menor escolaridade desempenham um papel mais social e simbólico, os que têm maior escolaridade desempenham um papel mais instrumental. Isto vai de encontro aos resultados supracitados, onde a maioria dos avôs tem apenas o ensino básico (cerca de 80%, independentemente do género e linha familiar) e a maioria dos netos apresenta crenças envoltas no papel social e simbólico, em detrimento do papel instrumental.

Tendo em vista as crenças de forma particular, procedeu-se à comparação das crenças em função do género da criança. Apesar de alguma literatura apontar para diferenças nas relações estabelecidas entre os avôs e os netos, consoante o género de ambos; não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em termos de papéis emocionais, sociais e simbólicos e instrumentais. Isto pode ser justificado pelo fato das crianças, de modo geral e sem exclusividade de géneros, apreciarem um conjunto de características dos avôs. Estas características dizem respeito á suas qualidades indulgentes (Kahana & Kahana, 1971) e promotoras de criatividade, realização, competência, estrutura e estabilidade (Timberlake, 1981). Assim e, uma vez que as crenças remetem para a informação que a criança dispõe em relação aos avôs, estas serão inequivocamente influenciadas pelo seu gosto e preferência, alheios ao género.

Por sua vez, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas quando comparadas as crianças do género masculino e feminino em função do papel não convencional. As crianças do género masculino apresentaram médias superiores o que sugere uma maior identificação com as afirmações apresentadas e consignadas ao papel não convencional (e.g. “Os avôs dão-me dores de cabeça, irritam-me e/ou batem-me”; “Estar com os avôs é chato”; “Acho que os avôs sentem que eu dou-lhes dores de cabeça”; “Acho que os

avós sentem que é chato estar comigo”). Este papel não convencional tende a verificar-se em relações não convencionais, onde os avós são chamados a assumir o papel de prestador de cuidados, abdicando de um papel único e de cuidados especiais.

Segundo Salomon & Marx (1995), as crianças que vivem aos cuidados dos avós apresentam diferenças significativas entre géneros, nomeadamente em termos de fatores de saúde (género masculino mais suscetível a doença) e ajustamento escolar (género masculino mais propenso a comportamentos desajustados). Assim, tem-se que as situações disruptivas que tendem a estar na origem destas mudanças de papéis por parte dos avós, são vividas de maneira mais problemática pelo género masculino, o que leva a compreender uma maior identificação com crenças de valência emocional negativa e portanto de um papel não convencional.

Tendo em vista as crenças de forma particular, procedeu-se também à comparação das crenças em função da existência de irmãos. O presente estudo não verificou diferenças estatisticamente significativas entre as crianças que têm e não têm irmãos, independentemente do tipo de papel assumido. Tal sugere que ter um irmão, alguém com quem partilhar a atenção de uma relação diádica entre avós e netos, não é impactante na forma como as crianças percecionam a relação. Isto pode estar relacionado com a possibilidade dos avós terem cuidados semelhantes com os netos, ou por outro lado, pelos irmãos estarem em fases diferentes do desenvolvimento e requererem relações diferentes.

Limitações

Em respeito às limitações da construção e validação do instrumento. Destaca-se o facto da melhor solução compreender num mesmo fator, alguns componentes diferentes da sua nomeação (e.g. fator 1 corresponde ao papel instrumental mas também compreende afirmações que remetem para o estilo dos avós; o fator 3 corresponde ao papel social e simbólico mas também compreende afirmações que remetem para o contacto).

Em respeito à descrição das crenças. O questionário sociodemográfico permitiu aferir várias variáveis inerentes às crianças e aos respetivos avós. Neste sentido, na presente investigação foi elaborada uma descrição geral das crenças das crianças em torno das relações intergeracionais e foram verificadas as relações tendo em vista as características inerentes à própria criança (e.g. género, ter irmãos). Assim ficaram por explorar as características inerentes aos pais (e.g. estado civil, situação de empregabilidade e responsabilidades sobre a criança) e aos avós (condição psicofísica, estado civil, habilitações, profissão, numero de filhos, numero de netos, proximidade, frequência de contacto e razão de contacto), que por

serem elementos da tríade prevêm-se modelos importantes e impactantes nas crenças das crianças.

Estudos futuros

Em suma, a presente investigação representa um passo no caminho da pesquisa sobre as relações intergeracionais, em idades precoces. Resta sugerir o aumento da investigação no âmbito das relações intergeracionais entre avós e netos, pela sua importância e crescente representação social, onde por um lado, os netos têm um maior número de avós vivos (Kivett, 1991) e, por outro, os avós assumem este papel mais tarde, de forma mais ativa (Strecht, 2016) e partilhada.

Tendo em vista as limitações do presente estudo, são sugeridos estudos futuros que respondam às seguintes questões de investigação: Será que o estado civil dos pais influencia as crenças das crianças? Será que as pessoas com quem a criança coabita influenciam as crenças das crianças? Será que a situação de empregabilidade dos pais influencia as crenças das crianças? Será que a condição psicofísica dos avós influencia as crenças das crianças? Será que o estado civil dos avós influencia as crenças das crianças? Será que as habilitações literárias dos avós influencia as crenças das crianças? Será que a situação de empregabilidade dos avós influencia as crenças das crianças? Será que o número de filhos dos avós influencia as crenças das crianças? Será que o número de netos dos avós influencia as crenças das crianças? Será que a frequência de contacto influencia as crenças das crianças? Será que a razão de contacto influencia as crenças das crianças?

Em suma, importa investir e repensar esta relação, preponderante para o desenvolvimento mútuo de várias gerações. Tanto porque as crianças de hoje são os adultos de amanhã e, igualmente, os netos de hoje serão os avós de amanhã. Certos de que “Melhores avós, melhores netos. Certos de que sobre modelos de relação precoces ficarão sementes que germinarão sempre, pela vida fora, mesmo à distância do que já foi vivido, mesmo depois da presença física daqueles que certamente só privaram connosco nos anos iniciais das nossas vidas, pois a sua memória é eterna e o nosso diálogo interior com cada um deles... perpétuo.” (Strecht, 2016, p.10).

REFERÊNCIAS

- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Albrecht, R. (1954). The Parental Responsibilities of Grandparents. *Marriage and Family Living*, 16 (3), 201-204. doi: 10.2307/348486
- Bangerter, L. R., & Waldron, V. R. (2014). Turning points in long distance grandparent – grandchild relationships. *Journal of Aging Studies*, 29, 88-97. doi: 10.1016/j.jaging.2014.01.004
- Barranti, C. C. (1985). The Grandparent/ Grandchild Relationship: Family Resource in an Era of Voluntary Bonds. *Family Relations*, 34, 343-352. doi: 10.2307/583572
- Beltrán, A. J., & Gómez, A. R. (2013). Intergeneracionalidad y multigeneracionalidad en el envejecimiento y la vejez. *Tabula Rasa*, 18, 277-294.
- Bengtson, V. L. (2001). Beyond the Nuclear Family: The Increasing Importance of Multigenerational Bonds. *Journal of Marriage and Family*, 63, 1-16. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00001.x
- Bernal, J. G., & Anuncibay, R. F. (2008). Intergenerational grandparent/grandchild relations: The socioeducational role of grandparents. *Educational Gerontology*, 34, 67-88. doi: 10.1080/03601270701763993
- Biscaia, J. (2006). Os avós. *POVOS E CULTURAS - Os avós como educadores*, 10, 81-86.
- Block, C. E. (2000). Dyadic and gender differences in perceptions of the grandparent-grandchild relationship. *The International Journal of Aging and Human Development*, 51 (2), 85-104. doi: 10.2190/VKCU-GN6A-27MU-4867
- Boon, S. D., Shaw, M. J., & MacKinnon, S. L. (2008). Grandparent Health and Young Adults' Judgments of Their Grandparent-Grandchild Relationships. *Journal of Intergenerational Relationships*, 6 (2), 155-173. doi: 10.1080/15350770801955115
- Breheny, M., Stephens, C., & Spilsbury, L. (2013). Involvement without interference: How grandparents negotiate intergenerational expectations in relationships with grandchildren. *Journal of Family Studies*, 19 (2), 174-184. doi: 10.5172/jfs.2013.19.2.174
- Bronckart, J. P. & Prévost, C. (2001) Crença. In R. Doron, & F. Parot (Eds.), *Dicionário de Psicologia*. (pp. 192). Lisboa: Climepsi.
- Brown, L. H. (2003). Intergenerational Influences on Perceptions of Current Relationships with Grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*, 1 (1), 95-112. doi: 10.1300/J194v01n01_09

- Brussoni, M. J., & Boon, S. D. (1998). Grandparental Impact in Young Adults' Relationships With Their Closest Grandparents: The Role of Relationship Strength and Emotional Closeness. *The International Journal of Aging and Human Development*, *46* (4), 267-286. doi: 10.2190/2B7B-E3LH-74JJ-UJRY
- Burton, L. M. (1992). Black Grandparents Rearing Children of Drug-Addicted Parents: Stressors, Outcomes, and Social Services Needs. *The Gerontologist*, *32* (6), 744-751. doi: 10.1093/geront/32.6.744
- Caldeira, S. (2010). *Contacto Intergeracional e Bem-estar Psicológico dos avós*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Campos, C. J. (2004). Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *57* (5), 611-614. doi: 10.1590/S0034-71672004000500019.
- Conway, F., Jones, S., & Speakes-Lewis, A. (2011). Emotional Strain in Caregiving among African American Grandmothers Raising Their Grandchildren. *Journal of Women & Aging*, *23*, 113-128. doi: 10.1080/08952841.2011.561142
- Creasey, G. L., & Kaliher, G., (1994). Age differences in grandchildren's perceptions of relations with grandparents. *Journal of Adolescence*, *17*, 411-426. doi: 10.1006/jado.1994.1036
- Creasey, G. L. & Koblewski, A. P. (1991). Adolescent grandchildren's relationships with maternal and paternal grandmothers and grandfathers. *Journal of Adolescence*, *14*, 373-387. doi: 10.1016/0140-1971(91)90005-C
- Crosnoe, R., & Elder, G. H. (2002). Life Course Transitions, the Generational Stake, and Grandparent-Grandchild Relationships. *Journal of Marriage and Family*, *64*, 1089-1096. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.01089.x
- Dolbin-MacNab, M. L., & Keiley, M. K. (2009). Navigating Interdependence: How Adolescents Raised Solely by Grandparents Experience Their Family Relationships. *Family Relations*, *58*, 162-175. doi: 10.1111/j.1741-3729.2008.00544.x
- Dolbin-MacNab, M. L. (2006). Just Like Raising Your Own? Grandmothers Perceptions of Parenting a Second Time Around. *Family Relations*, *55*, 564-575. doi: 10.1111/j.1741-3729.2006.00426.x
- Drew, L. M., & Silverstein, M. (2007). Grandparents Psychological Well-Being After Loss of Contact With Their Grandchildren. *Journal of Family Psychology*, *21* (3), 372-379. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.372

- Eisenberg, A. R. (1988). Grandchildren's Perspectives on Relationships with Grandparents: The Influence of Gender Across Generations. *Sex Roles, 19*, 205-217. doi: 10.1007/BF00290155
- Emick, M. A., & Hayslip, B. (1999). Custodial Grandparenting: Stresses, Coping Skills, and Relationships with Grandchildren. *The International Journal of Aging and Human Development, 38* (1), 35-61. doi: 10.2190/1FH2-AHWT-1Q3J-PC1K
- Ferreira, P. M. (2011, Julho). Envelhecimento Ativo e Relações Intergeracionais. Paper presented at the XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba.
- Field, D., & Minkler, M. (1988). Continuity and change in Social Support Between Young-Old and Old-Old or Very-old Age. *Journal of Gerontology: PSYCHOLOGICAL SCIENCES, 43* (4), 100-105. doi: 10.1093/geronj/43.4.P100
- Forsyth, C. J. (1994). An examination of age, familiar roles, and sex differences in levels of subjective well-being of grandparents. *International Journal of Sociology of the Family, 24* (2), 69-84.
- Francisco, A. P. (2014). A questão da não normalidade – uma revisão. *Revista de Economia Agrícola, 61*(2), 17-33.
- Fuller-Thomson, E., Minkler, M., & Driver, D. (1997). A Profile of Grandparents Raising Grandchildren In The United States. *The Gerontologist, 37* (3), 406-411.
- Geurts, T., Tilburg, T. G., & Poortman A. (2012). The grandparent-grandchild relationship in childhood and adulthood: A matter of continuation? *Personal Relationships, 19*, 267-278. doi: 10.1111/j.1475-6811.2011.01354.x
- Geurts, T., Poortman, A., Tilburg, T., & Dykstra, P. A. (2009). Contact between Grandchildren and Their Grandparents in Early Adulthood. *Journal of Family Issues, 30* (12), 1698-1713. doi: 10.1177/0192513X09336340
- Gomes-Pedro, J. (2006). O papel dos avós no século XXI. *POVOS E CULTURAS - Os avós como educadores, 10*, 11-24.
- Goodman, C., & Silverstein, M. (2002). Grandmothers Raising Grandchildren: Family Structure and Well-Being in Culturally Diverse Families. *The Gerontologist, 42* (5), 676-689.
- Hagestad, G. O. (1988). Demographic Change and the Life Course: Some Emerging Trends in the Family Realm. *Family Relations, 37* (4), 405-410. doi: 10.2307/584111
- Hakoyama, M., & Malonebeach, E. E. (2013). Predictors of Grandparent-Grandchild Closeness: A Ecological Perspective. *Journal of Intergenerational Relationships, 11*, 32-49. doi: 10.1080/15350770.2013.753834

- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *POVOS E CULTURAS - Os avós como educadores*, 10, 25-38.
- Hartshorne, T. S., & Manaster, G. J., (1982). The Relationship with Grandparents: Contact, Importance, Role Conception. *The International Journal of Aging and Human Development*, 15 (3), 233-245. doi: 10.2190/8G9X-RTFN-F0CD-3DBC
- Harwood, J. (2004). Relational, role and social identity as expressed in grandparents' personal web sites. *Communication Studies*, 55 (2), 300-318. doi: 10.1080/10510970409388621
- Harwood, J., & Lin, M. (2000). Affiliation, Pride, Exchange, and Distance in Grandparents' Accounts of Relationships with Their College-Aged Grandchildren. *Journal of Communication*, 50 (3), 31-47. doi: 10.1111/j.1460-2466.2000.tb02851.x
- Hayslip, B. J., & Kaminski, P. L. (2005). Grandparents Raising Their Grandchildren: A Review of the Literature and Suggestions for Practice. *The Gerontologist*, 45 (2), 262-269. doi: 10.1093/geront/45.2.262
- Hayslip, B. J., Shanna, R. D., Neumann, C. S., Goodman, C., Smith, G. C., Maiden, R. J., & Carr, F.R. (2013). The Role of Resilience in Mediating Stressor-Outcome Relationships among Grandparents Raising Theirs Grandchildren. In B. J. Hayslip, & Smith, G. C. (Eds.), *Resilient Grandparent Caregivers A Strengths-Based Perspective* (pp. 48-69). New York: Routledge.
- Hayslip, B. J., Shore, J. R., Henderson, C. E., & Lambert, P. L. (1998). Custodial Grandparenting and the Impact of Grandchildren with Problems on Role Satisfaction and Role Meaning. *Journal of Gerontology*, 53 (3), 164-173. doi: 10.1093/geronb/53B.3.S164
- Hodgson, L. G. (1992). Adult Grandchildren and Their Grandparents: The Enduring Bond. *The International Journal of Aging and Human Development*, 34 (3), 209-225. doi: 10.2190/PU9M-96XD-CFYQ-A8UK
- Holladay, S. J., & Seipke, H. L. (2007). Communication between Grandparents and Grandchildren in Geographically Separated Relationships. *Communication Studies*, 58 (3), 281-297. doi: 10.1080/10510970701518371
- Instituto Nacional de Estatística – INE (2016). *Estatísticas Demográficas 2015*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística I.P.
- Jendrek, M. P. (1994). Grandparents Who Parent Their Grandchildren: Circumstances and Decisions. *The Gerontologist*, 34 (2), 206-216. doi: 10.1093/geront/34.2.206

- Kahana, E., & Kahana, B. (1971). Theoretical and Research Perspectives on Grandparenthood. *Aging and Human Development*, 2, 261-268. doi: 10.2190/AG.2.4.c
- Kemp, C. L. (2007). Grandparent-Grandchild Ties. *Journal of Family Issues*, 28 (7), 855-881. doi: 10.1177/0192513X07299599
- Kennedy, G. E. (1990). College Student's Expectations of Grandparent and Grandchild Role Behaviors. *The Gerontologist*, 30 (1), 43-48. doi: 10.1093/geront/30.1.43
- Kennedy, G. E. (1992). Shared Activities of Grandparents and Grandchildren. *Psychological Reports*, 70, 211-217. doi: 10.2466/PR.70.1.211-227
- Kipper, C. D. & Lopes, R. S. (2006). O Tornar-se Avó no Processo de Individuação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (1), 29-34. doi: 10.1590/S0102-37722006000100004.
- Kivett, V. R. (1991). The Grandparent-Grandchild Connection. *Marriage & Family Review*, 16, 267-290. doi: 10.1300/J002v16n03_04
- Kivnick, H. Q. (1982). Grandparenthood: An Overview of Meaning and Mental Health. *The Gerontologist*, 22 (1), 59-66. doi: 10.1093/geront/22.1.59
- Kline, P. (2000). *The new psychometrics: science, psychology and measurement*. London: Routledge.
- Kruk, E. (1995). Grandparent-Grandchild Contact Loss: Findings from a Study of "Grandparent Rights" Members. *Canadian Journal on Aging*, 14 (4), 737-754. doi: 10.1017/S0714980800016433
- Lakó, J. H. (2014). The issues of the relationship of grandparents and grandchildren in the light of physical activity. *European Journal of Mental Health*, 9, 178-194. doi: 10.5708/EJMH.9.2014.2.3
- Langosch, D. (2012). Grandparents Parenting Again: Challenges, Strengths, and Implications for Practice. *Psychoanalytic Inquiry*, 32, 163-170. doi: 10.1080/07351690.2012.655637
- Mansson, D. H. (2013). Affectionate Communication and Relational Characteristics in the Grandparent-Grandchild Relationship. *Communication Reports*, 26 (2), 47-60. doi: 10.1080/08934215.2013.798670
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90. doi: 10.14417/lp.763
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. (6ª ed.) Pêro Pinheiro: ReportNumber.

- Martins, S. (2013). A idade dos afetos. Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional na Aldeia de Santa Isabel (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa). Dissertação de mestrado apresentada ao ISCTE, Lisboa.
- Matthews, S. H., & Sprey, J. (1985). Adolescents' Relationships with Grandparents: An Empirical Contribution to Conceptual Clarification. *Journal of Gerontology*, 40 (5), 621-626. doi: 10.1093/geronj/40.5.621
- Mills, T. L. (2001). Research on Grandparent and Grandchild Relationships in the New Millennium: An Overview of the Special Issue. *Journal of Family Issue*, 22 (4), 403-406. doi: 10.1177/019251301022004001
- Minkler, M., & Fuller-Thomson, E. (1999). The Health of Grandparents Raising Grandchildren: Results of National Study. *American Journal of Public Health*, 89 (9), 1384-1389.
- Minkler, M., Roe, K. M., & Price, M. (1992). The Physical and Emotional Health of Grandmothers Raising Grandchildren in the Crack Cocaine Epidemic. *The Gerontologist*, 32 (6), 752-761. doi: 10.1093/geront/32.6.752
- Mitshali, M. N. (2015). The Relationship between Grandparents and Their Grandchildren in the Black Families in South Africa. *Journal of Comparative Family Studies*, 46 (1), 75-83.
- Monserud, M. A. (2010). Continuity and Change in Grandchildren's Closeness to Grandparents: Consequences of Changing Intergenerational Ties. *Marriage & Family Review*, 46 (5), 366-288. doi: 10.1080/01494929.2010.528320
- Monserud, M. A. (2011). Changes in Grandchildren's Adult Role Statuses and Their Relationships with Grandparents. *Journal of Family Issues*, 32 (4), 425-451. doi: 10.1177/0192513X10384466
- Moorman, S. M. & Stokes, J. E. (2013). Solidarity in the Grandparent-Adult Grandchild Relationship and Trajectories of Depressive Symptoms. *The Gerontologist*, 56 (3), 408-420. doi: 10.1093/geront/gnu056
- Musil, C. M. (1998). Health, Stress, Coping and, Social Support in Grandmother Caregivers. *Health Care for Women International*, 19, 441-455. doi: 10.1080/073993398246205
- Musil, C. M., Schrader, S., & Mutikani, J. (2000). Social Support, Stress, and Special Coping Tasks of Grandmother Caregivers. In C. B. Cox (Eds.), *To Grandmother's House We Go and Stay: Perspectives on Custodial Grandparent* (56-70). New York: Springer. doi: 10.1080/073993398246205

- Neugarten, B. L., & Weinstein, K. K. (1964). The changing American Grandparent. *Journal of Marriage and Family*, 26 (2), 199-204. doi: 10.2307/349727
- Nunes, L. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjetivo dos Idosos através da Intergeneracionalidade*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Coimbra-Coimbra.
- Pasquali, L. (2004). *Análise fatorial para pesquisadores*. Petrópolis: Vozes.
- Peixoto, R., & Gonçalves, C. M. (2014). Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós – à população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 12 (2), 99-112. doi: 10.14417/lp.855
- Pinto, K. L., Arrais, A. R., & Brasil, K. C. T. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, 19, 37-47. doi: 10.1590/S1413-82712014000100005
- Prandi, C. (1997). Crenças. In Gil, F. (Eds.), *Enciclopédia Einandi* (pp. 229-256). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Ribeiro, J. L. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia Clínica*. Porto: Legis Editora.
- Rigby, E., Gair, S., & Thorpe, R. (2015). Surviving Intervention: Grandparent's Struggle to Maintain Relationships with their Grandchildren Following Contact with Child Protection Services. *Children Australia*, 41, 98-105. doi: 10.1017/cha.2015.51
- Ritchie, J. & Lewis, J. (2003). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. London: Sage
- Robertson, J. F. (1975). Interaction in Three Generations Families. Parents as Mediators: Toward a Theoretical Perspective. *The International Journal of Aging and Human Development*, 6 (2), 103-110. doi: 10.2190/GPFM-TFM5-9Y8Y-LHAK
- Robertson, J. F. (1977). Grandmotherhood: A Study of Role Conceptions. *Journal of Marriage and Family*, 39 (1), 165-174. doi: 10.2307/351072
- Ruiz, S. A. & Silverstein, M. (2007). Relationships with Grandparents and the Emotional Well-Being of Late Adolescent and Young Adult Grandchildren. *Journal of Social Issues*, 63 (4), 793-808. doi: 10.1111/j.1540-4560.2007.00537.x
- Salomon, J. C., & Marx, J. (1995). "To Grandmother's House We Go": Health and School Adjustment of Children Raised Solely by Grandparents'. *The Gerontologist*, 35 (3), 386-394. doi: 10.1093/geront/35.3.386

- Santos, T. M., Silva, S. S., & Pontes, F. A. R. (2011). A participação dos avós no cuidado dos netos em uma comunidade ribeirinha amazônica. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13 (1), 182-197.
- Silverstein, M., & Long, J. (1998). Trajectories of Grandparents' Perceived Solidarity with ADULT Grandchildren: A Growth Curve Analysis over 23 Years. *Journal of Marriage and the Family*, 60 (4), 912-923. doi: 10.2307/353634
- Silverstein, M., & Marenco, A. (2001). How Americans Enact the Grandparent Role Across the Family Life Course. *Journal of Family Issues*, 22 (4), 493-522. doi: 10.1177/019251301022004006
- Smorti, M., Tschiesner, R., & Farneti, A. (2012). Grandparents-grandchildren relationship. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 46, 895-898. doi: 10.1016/j.sbspro.2012.05.219
- Sousa, L. (2006). Avós e netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos. *POVOS E CULTURAS - Os avós como educadores*, 10, 39-50.
- Strecht, P. (2016). *Queridos avós- O papel dos avós na vida dos netos (de A a Z)*. Lisboa: Verso da Kapa.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. New York: HarperCollins.
- Taylor, A. C., Robila, M., & Lee, H. S. (2005). Distance, Contact, and Intergenerational Relationships: Grandparents and Adult Grandchildren from an International Perspective. *Journal of Adult Development*, 12 (1), 33- 41. doi: 10.1007/s10804-005-1280-7
- Thiele, D. M., & Whelan, T. A. (2006). The Nature and Dimensions of the Grandparent Role. *Marriage & Family Review*, 40 (1), 93-108. doi: 10.1300/J002v40n01_06
- Thomas, J. L. (1989). Gender and Perceptions of Grandparenthood. *The International Journal of Aging and Human Development*, 29 (4), 269-282. doi: 10.2190/H9XB-9VL6-KFCQ-L60E
- Timberlake, E. M. (1981). The Value of Grandchildren to Grandmothers. *Journal of Gerontological Social Work*, 3 (1), 63-76. doi: 10.1300/J083V03N01_07
- Tinsley, B. J., & Parke, R. D. (1987). Grandparents as Interactive and Social Support Agents for Families with Young Infants. *The International Journal of Aging and Human Development*, 25 (4), 259-277. doi: 10.2190/91M7-1JMA-UQV6-0VH3
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C., Osuna M., & Pinazo. S. (2005). The Meaning of Grandparenthood: Do Adolescent Grandchildren Perceive the Relationship and Role

- in the Same Way as Their Grandparents Do? *Journal of Intergeneratioal Relationships*, 3 (2), 101-120. doi: 10.1300/J194v03n02_07
- Uhlenberg, P. & Hammill, B. G. (1998). Frequency of Grandparent Contact with Grandchild Sets: Six Factors That Make a Difference. *The Gerontologist*, 38 (3), 276-285. doi: 10.1093/geront/38.3.276
- Viguer, P., Meléndez, J. C., Valencia, S., Cantero, M. J., & Navarro, E. (2010). Grandparent-Grandchild Relationships from the Children's Perspective: Shared Activities and Socialization Styles. *The Spanish Journal of Psychology*, 13 (2), 708-717.
- Wood, S., & Liossis, P. (2007). Potentially Stressful Life Events and Emotional Closeness Between Grandparents and Adult Grandchildren. *Journal of Family Issues*, 28 (3), 380-398. doi: 10.1177/0192513X06293893

ANEXOS

Anexo I Guião para entrevista semiestruturada em profundidade

- I. Dados Pessoais

- II. História Pessoal (Avós)
 - a. Saúde
 - b. Estado civil
 - c. Habilitações
 - d. Profissão
 - e. Número de filhos e netos
 - f. Proximidade de habitação
 - g. Frequência de contacto

- III. Crenças sobre a relação intergeracional
 - a. Relação avós-netos
 - b. Papel dos avós
 - c. Papel dos netos
 - d. Atividades
 - e. Responsabilidades
 - f. Emoções e sentimentos
 - g. Tempo despendido

Anexo II Consentimento Informado

**Anexo III Questionário sociodemográfico de caracterização da amostra e das relações
intergeracionais entre avós e netos**

Anexo IV Escala de crenças sobre a relação intergeracional

Anexo V Escala de crenças sobre a relação intergeracional validada

